

Contas externas têm o melhor outubro desde 1993

BC revê projeção de déficit no ano para US\$ 8,6 bi, o que reduz dependência de recursos do exterior

SHEILA D'AMORIM

BRASÍLIA – Num cenário internacional ainda com muitas incertezas, o bom desempenho das contas externas deverá ser um aliado importante para o próximo governo recuperar a credibilidade do País. Se forem confirmadas as últimas projeções do Banco Central (BC), o saldo final em conta corrente – após contabilizadas exportações, importações, despesas com serviços e rendas e as transferências unilaterais deste ano – será um déficit de US\$ 8,6 bilhões, quase metade dos US\$ 16 bilhões em investimentos estrangeiros diretos estimados para ingressar no Brasil no mesmo período.

Esta foi a quarta vez consecutiva que o BC reviu suas projeções para as contas externas em 2002 e 2003. A última previsão era de um déficit de US\$ 11 bilhões.

O ajuste nas contas exter-

A melhora nas contas externas retira uma fonte de pressão sobre o novo governo

Roberto Padovani, da consultoria Tendências

nas, que significa uma diminuição da dependência de recursos de outros países, deverá continuar no ano que vem, com um déficit projetado em US\$ 8,2 bilhões. Essa melhora ocorre num momento em que há uma forte retração no crédito para o País. Em outubro, apesar de ser um mês de concentração de vencimentos de juros da dívida externa, o BC registrou um déficit em conta corrente de apenas US\$ 34 milhões, o melhor desempenho para o mês desde outubro de 1993. O valor surpreendeu até

mesmo o governo, que esperava um déficit de US\$ 900 milhões. No acumulado de 12 meses terminando em outubro, o déficit externo soma US\$ 10,7 bilhões, equivalente a 2,31% do Produto Interno Bruto (PIB).

“A melhora nas contas externas retira uma fonte de pressão sobre o novo governo”, avalia o economista Roberto Padovani, da consultoria Tendências. Num momento em que o mercado tem dúvidas sobre a trajetória da inflação no ano que vem e como serão conduzidos temas como a renegociação da dívida dos Estados, isso se torna

ainda mais importante. “Se além dessas dúvidas e da incerteza no cenário internacional ainda tivesse uma preocupação maior com as contas externas, a tensão aumentaria”, afirma Padovani.

Folga – O primeiro reflexo disso, diz, seria o aumento do prêmio de risco dos títulos brasileiros negociados lá fora e, de-



de US\$ 11 bilhões para US\$ 12,5 bilhões sua estimativa de superávit comercial para este ano. Para 2003, no entanto, o saldo positivo de US\$ 15 bilhões foi mantido.

Além disso, a contração verificada na conta de serviços e rendas também contribui para melhora do resultado em conta corrente. Os gastos com juros de US\$ 1,7 bilhão em outubro foram inferiores aos US\$ 2 bilhões do mesmo mês de 2001. Neste mês, até ontem, os gastos com juros somam US\$ 1 bilhão. Já as remessas de lucros e dividendos cresceram para US\$ 644 milhões quando comparadas com 2001, mas, em novembro, já mostram tendência de queda. Até ontem, essas remessas somavam US\$ 173 milhões.

Viagens – Na conta de serviços, a maior retração vem ocorrendo nas viagens para o exterior. O câmbio desfavorável fez com que o BC registrasse, em outubro, um superávit de US\$ 82 milhões, o que significa que as receitas obtidas com turismo estrangeiro no País superaram os gastos de brasileiros lá fora. Esse foi o melhor desempenho desde janeiro de 1992, quando foi registrado um superávit de US\$ 83 milhões. Este mês, até o dia 26, o superávit é

de US\$ 55 milhões.

As transferências unilaterais, que, no caso brasileiro, são fortemente influenciadas pelas remessas de descendentes de japoneses que foram trabalhar no Japão, também têm crescido significativamente. Em outubro, esses ingressos totalizaram US\$ 301 milhões, o dobro dos US\$ 149 milhões registrados no mesmo mês do ano passado. “O câmbio atual é favorável a essas remessas”, afirma o chefe do Departamento Econômico do BC (Depec), Altamir Lopes. Com a forte desvalorização do real registrada este ano, os dólares enviados para o Brasil são convertidos num volume maior de reais.

Depois das turbulências financeiras que antecederam as eleições, o chefe do

Depec avalia que o cenário já dá sinais significativos de melhora. Isso deverá refletir-se num volume menor de intervenções do BC no mercado de câmbio no último bimestre do ano. Com isso, o nível das reservas internacionais deverá encerrar 2002 acima dos US\$ 13,9 bilhões projetados. Se confirmado, esse nível será quase US\$ 9 bilhões maior do que o piso de US\$ 5 bilhões estipulado no acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

■ Mais informações na página 3